



ANA MIRANDA

www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br

Joaquim Pedro em Brasília, I

“ELE TOCAVA, JÁ, NUMA QUESTÃO CRUCIAL PARA BRASÍLIA, QUE COMEÇAVA A APRESENTAR PROBLEMAS DE POBREZA, MORTALIDADE INFANTIL, MERCADO DE TRABALHO REDUZIDO”

Joaquim Pedro de Andrade, um dos nossos maiores cineastas, filmou Brasília em 1967, quando eu ainda morava na cidade. Joaquim Pedro era filho de Rodrigo Melo Franco de Andrade, o criador do órgão que cuida do patrimônio histórico e arquitetônico do Brasil, e sobrinho do grande Afonso Arinos. Em sua infância o cineasta conviveu com Manuel Bandeira, seu padrinho de crisma, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, entre tantos outros artistas e intelectuais. Conviveu com as ideias de modernismo, em literatura e pintura, a Semana de 22 estava ainda muito viva, decreto comentado por Manuel Bandeira nas salas dos Melo Franco. E a obra do cineasta visita essa convivência precoce, pois em sua filmografia há um poema de Drummond, obras do modernismo, como *Macunaima*, um esplêndido filme que hoje é um clássico, Manuel Bandeira em sua solidão num modesto apartamento a ler poemas ou Gilberto Freyre, e Joaquim Pedro estava prestes a filmar *Casa-grande & senzala* quando partiu.

O filme sobre Brasília era um documentário, chamava-se *Brasília: contradições de uma cidade nova*. Foi encomenda de uma empresa, mas ali Joaquim Pedro teve a oportunidade de se referir a duas pessoas importantes em sua formação humanística, que eram Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Mas não se deixou levar pelos laços de afeto e personalidade, e questionou severamente as divergências entre a intenção dos arquitetos e a realidade que se instalava implacável dentro e em torno de Brasília. O documentário se estruturava sobre a pergunta: “Uma cidade inteiramente planejada, criada em nome do desenvolvimento nacional e da democratização da sociedade, poderia reproduzir as desigualdades e a opressão existentes em outras regiões do país?”. Ele tocava, já, numa questão crucial para Brasília, que começava a apresentar problemas

de pobreza, mortalidade infantil, mercado de trabalho reduzido, segundo observara o cineasta. Começou o filme por um passeio com a câmera do jovem Afonso Beato deslizando majestosamente sobre palácios, suas fachadas e interiores, superquadras, eixos monumentais, para entrar repentinamente no cotidiano dos habitantes, os candangos morando nas periferias, estudantes afetados pelo regime opressor, migrantes desiludidos...

O filme foi rejeitado pela empresa e teve apenas uma sessão clandestina dentro do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, seguida de ameaças particulares ao autor, para que não o exibisse mais. A crítica não podia ter voz. Os negativos desapareceram e sobrou apenas uma cópia na cine-mateca do Museu de Arte Moderna do Rio, provavelmente amparada pelo ciioso e saudoso Cosme Alves Neto. Consta que Joaquim Pedro teria procurado Oscar Niemeyer a fim de lhe pedir apoio para a liberação do documentário, mas o arquiteto, defensor da cidade, contestou a ideia do filme, queria ainda acreditar que Brasília, depois da queda dos militares, se transformaria naquilo que haviam idealizado: uma cidade para todos, que morariam nas mesmas quadras, estudariam nas mesmas escolas... Anos depois, Oscar Niemeyer viria a concordar com a visão do filme e a manifestar essa concordância, conforme testemunho de pessoas ligadas ao cineasta.

Gostaria de ter visto Joaquim Pedro, tão novo, filmando a cidade. Não vi, mas conheci-o anos mais tarde, quando fui morar no Rio de Janeiro. Gostei imensamente dele, delicado, atencioso, conversador... Uma de nossas poucas conversas foi sobre Brasília, eu era conhecida como a moça de Brasília, a moça bonita que tinha chegado de Brasília. Nunca vi o filme. Mas soube que Afonso Beato trabalhou na sua restauração, e o documentário acompanha agora *Macunaima*, como um parente por perfeita afinidade.

